

O LAZER COMO PROTAGONISTA DE RESISTÊNCIA E LUTA

Denise Falcão¹

Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

Josué da Silva Fernandes²

Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

Resumo: A partir da pesquisa sobre os lazeres de jovens em Ouro Preto, este artigo apresenta reflexões sobre o papel da memória social, a interseccionalidade de raça e classe social, as políticas públicas de lazer em cidades turísticas e o lazer como um direito social, buscando identificar em que medida as práticas de lazer podem ser protagonistas de empoderamento para os sujeitos atravessados pelos marcadores sociais da diferença, em um bairro periférico, de uma cidade patrimônio mundial. Utilizando a pesquisa-ação como metodologia, desenvolveu-se um dia festivo e cultural como mecanismo de promoção do lazer e reapropriação do espaço público que sempre foi “palco” para a expressão da cultura local e da interação social no entorno dos marcos iconográficos localizados no bairro. Por fim, compreendeu-se que essa festividade proposta como um momento de celebração, de pertencimento e de reafirmação da identidade local resgatou parte da memória coletiva que estava apagada e foi capaz de contribuir para reacender a chama do processo de transformação pessoal e social da comunidade.

Palavras-chave: Lazer. Juventude. Negritude. Ouro Preto.

LEISURE AS A PROTAGONIST OF RESISTANCE AND FIGHT

Abstract: Based on research on leisure for young people in Ouro Preto, this article presents reflections on the role of social memory, the intersectionality of race and social class, public leisure policies in tourist cities and leisure as a social right, seeking to what extent leisure practices can be protagonists of empowerment for the subjects crossed by the social markers of difference in a peripheral neighborhood of a world heritage city. Using action-research as a methodology, a festive and cultural day was developed as a mechanism for promoting leisure and re-appropriating the public space that has always been a “stage” for the expression of local culture and social interaction around the iconographic landmarks located in the neighborhood. Finally, it was understood that this festivity proposed as a moment of celebration, belonging and reaffirmation of the local identity rescued part of the collective memory that was erased and was able to contribute to rekindling the flame of the process of personal and social transformation of the community.

Keywords: Leisure. Youth. Blackness. Ouro Preto.

EL OCIO COMO PROTAGONISTA DE LA RESISTENCIA Y LA LUCHA

Resumen: A partir de una investigación sobre las actividades de ocio de los jóvenes de Ouro Preto, este artículo presenta reflexiones sobre el papel de la memoria social, la interseccionalidad de la raza y la clase social, las políticas públicas de ocio en las ciudades turísticas y el ocio como derecho social, buscando identificar a qué medida las prácticas de ocio pueden ser protagonistas del empoderamiento de los sujetos atravesados por los marcadores sociales de la diferencia, en un barrio periférico, de una ciudad patrimonio de la humanidad.

¹Professora da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Email: defalcao1@gmail.com

² Mestrando da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Email: josuedafer@gmail.com

Utilizando como metodologia la investigación-acción, se desarrolló una jornada festiva y cultural como mecanismo de promoción del ocio y reapropiación del espacio público que siempre ha sido “escenario” de expresión de la cultura local y de interacción social en torno a los hitos iconográficos ubicados en el barrio. Finalmente, se entendió que esta fiesta propuesta como un momento de celebración, pertenencia y reafirmación de la identidad local rescataba parte de la memoria colectiva borrada y podía contribuir a reavivar la llama del proceso de transformación personal y social de la comunidad.

Palabras clave: Ocio. Juventud. Negrura. Ouro Preto.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute questões que emergiram a partir da pesquisa-ação desenvolvida com as práticas de lazer de jovens ouro-pretanos. Sem poder se furtar das relações interseccionais que se apresentaram, principalmente raça e classe social, debruçou-se sobre a análise da força que o fenômeno lazer apresentou na comunidade do bairro Piedade tendo como pano de fundo as relações das desigualdades sociais e simbólicas vividas por essa população local em uma cidade turística.

A cidade de Ouro Preto/MG, *lócus* da pesquisa, foi tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1938, por seu conjunto arquitetônico e urbanístico. Declarada como Patrimônio Cultural Mundial, em 1980, pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), a cidade é detentora de grande conjunto de arquitetura colonial de arte barroca e rococó do Brasil e de fora da Europa, e sua grande atratividade turística também é fomentada por sua rica cultura festiva e religiosa.

É importante demarcar que a região de Ouro Preto/MG foi construída e constituída majoritariamente pela população negra que nela chegou na condição escravizada durante o período da mineração entre os séculos XVII e XIX. Palco de intensa atividade extrativista de ouro, a construção de infraestruturas e edificações para suportar a crescente população foi uma demanda premente. Nesse contexto, os escravizados desempenharam um papel fundamental na construção da cidade, sendo responsáveis pela execução de trabalhos pesados como a abertura de estradas, a construção de igrejas, casas e pontes, além da exploração das minas. A presença da mão de obra escravista em Ouro Preto foi tão significativa que a cidade, como marca indelével, se tornou um importante centro de tráfico de escravos, recebendo um grande número de africanos que eram comercializados para trabalhar nas minas e nas construções.

Como um dos resultados desse processo sócio histórico da constituição da cidade, tem-se atualmente uma população com cerca de 75 mil habitantes (IBGE, 2022) sendo que 70%

deles se auto declaram negros (IBGE, 2010)³. É possível afirmar que a cultura negra na cidade é marcante. Atravessada por elementos que refletem a resistência e a insubordinação histórica da população negra no Brasil ao longo dos séculos, é fácil observar a ancestralidade africana na cidade a partir da vida cotidiana de seus sujeitos. Seja em suas práticas religiosas, em suas fruições de lazer ou mesmo em suas manifestações culturais.

A reflexão aqui proposta sobre o lazer como processo de resistência e luta é fruto da intersecção entre um projeto de iniciação científica e um projeto de extensão universitária desenvolvidos na EEFUFOP⁴ que procurou a partir de temáticas como o papel da memória, a interseccionalidade de raça e classe social, as políticas públicas em cidades turísticas e o lazer como direito social, identificar em que medida as práticas de lazer podem ser protagonistas de empoderamento para os sujeitos atravessados pelos marcadores sociais da diferença em um bairro periférico de uma cidade patrimônio mundial.

Nesse sentido, o lazer compreendido como uma dimensão da cultura (GOMES, 2014) ampliou a perspectiva de identificá-lo nas mais diversas dinâmicas sociais desenvolvidas e fruídas no dia a dia dessa comunidade que agora se encontravam adormecidas. Como ação provocadora de avivamento de uma memória coletiva e na perspectiva de validar o lazer como parte integrante e importante da vida social desse bairro, foi realizado um domingo de lazer, no coração do bairro (entre o adro da capela e o mundéu) com diversas práticas sociais e culturais, que já foram corriqueiras nesse ambiente, possibilitando aos sujeitos moradores um engajamento orgânico a partir de seus pertencimentos, de suas identificações ou mesmo de suas curiosidades pessoais.

Metodologia

Com abordagem qualitativa, a utilização da pesquisa-ação como metodologia, foi um importante recurso para galgar conhecimentos a partir das subjetividades e experiências dos sujeitos na perspectiva de contribuir com a transformação pessoal e social que já se vislumbrava.

Partiu-se no primeiro momento com o projeto de pesquisa e o projeto de extensão denominados respectivamente Lazer, Juventudes e Sociabilidades: experiências de alteridade e de pertencimento nas apropriações de espaços para além dos centros históricos e O Corpo Brincante: múltiplos olhares para as práticas de lazer, cultura e educação da cidade de Ouro

³ O Censo de 2022 não pesquisou a categoria raça.

⁴ Escola de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto

Preto e redondezas, que desenvolveram uma cartografia social (DELEUZE e GUATTARI, 1995) das práticas de lazer dos jovens ouro-pretanos. Essas pesquisas revelaram linhas de fuga e rupturas que aguçaram o olhar dos pesquisadores para o processo de resistência e empoderamento da comunidade do bairro Piedade a partir de suas práticas de lazer.

Com a percepção de que essa força latente da comunidade estava desgastada pelas coerções sociais, os apagamentos de memória, o descaso de políticas públicas e o silenciamento das práticas sociais, propôs-se uma intervenção em conjunto com a comunidade do bairro que será detalhada no tópico “Reacender a chama: o lazer como ação provocadora”.

Sendo assim, os resultados aqui evidenciados são tessituras entre a pesquisa bibliográfica, a cartografia social, as entrevistas e a ação provocadora denominada Mundéu Cultural: a Piedade em festa!

Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da UFOP com o CAAE: 26062319.9.0000.5150. Para sua realização contou-se com uma bolsa de iniciação científica (FAPEMIG), uma bolsa extensionista (UFOP) e vinte e oito voluntários.

O bairro Piedade

O bairro Piedade faz parte da unificação de vários arraiais que deram origem à cidade de Ouro Preto, que se tornou capital da Província de Minas Gerais em 1823. Sendo uma das ocupações mais antigas da cidade, pois estava na rota do ouro de aluvião, esse bairro possui duas estruturas arquitetônicas construídas à época do Brasil Colônia: a Capela Nossa Senhora da Piedade, uma das capelas mais antigas da cidade construída de canga em 1720 (data inscrita na peanha da cruz) e o Mundéu, estrutura formada por muros de pedra do tipo canga, em formato de caixotes, que eram utilizados para a decantação do ouro de aluvião trazido pelas águas correntes⁵.

⁵ Essa técnica é denominada desmonte hidráulico e foi muito utilizada na exploração mineral na Serra de Ouro Preto durante o século XVIII (SOBREIRA *et al.*, 2014).

Figura 1 - Capela N.S.da Piedade



Fonte: acervo próprio

Figura 2 - Mundéu do bairro Piedade



Fonte: acervo próprio

Apesar de no passado o bairro ter sido referência para a mineração, atualmente seu uso predominante é o residencial (AIRTON, 2014). Localizado no Morro da Queimada, com apenas 2,8 km de distância da Praça Tiradentes (referência no centro da cidade), mas com uma declividade acentuada, a região é considerada periférica e afastada do centro histórico da cidade, local onde existe a maioria dos postos de trabalho, prestações de serviços como bancos e instituições públicas municipais, vários equipamentos de lazer e atrações turísticas e grande parte do comércio local. Com renda girando em torno de 2 a 3 salários mínimos por família (IBGE, 2010) o bairro Piedade pode ser classificado como economicamente desfavorecido.

De fato, não se pode pensar na vida do bairro sem esbarrar na estrutura social e econômica do mesmo, nem mesmo sua situação à margem de um ordenamento político no qual não ocupa posição decisória (MAGNANI, 2003). Como sugere o autor, é necessário renovar a perspectiva de análise e estudar os fatores culturais que não podem ser descartados se a intenção é compreender os valores e as reais condições da vida dos sujeitos. Nesse sentido, os achados que Falcão e Marques (2022) alcançaram ao catalogarem as práticas de lazer realizadas pela juventude Ouro-Pretana se aproxima da perspectiva de compreender o movimento social e político pelas práticas de lazer. Essa pesquisa encontrou no bairro Piedade diferentes manifestações culturais como as batalhas de rap e as danças da cultura hip-hop, as festa juninas com apresentação de diferentes quadrilhas de bairros vizinhos, a Escola de Samba Aliança da Piedade que mobiliza o bairro em torno do carnaval, os campeonatos esportivos na quadra do bairro, os festejos do dia das crianças e diferentes artistas/moradores ligados à música, às artes circenses, ao congado, ao boi de minas e outras manifestações culturais que utilizavam dos espaços como o adro da igreja, o mundéu e a quadra esportiva para realizarem suas práticas de lazer. Essa visão do bairro retratada em 2022, corrobora com a pesquisa de

Airton (2014, p.22), ao evidenciar que no bairro Piedade “o convívio social acontece em torno da igreja, onde também são realizados alguns eventos sociais”.

Reacender a chama: o lazer como ação provocadora

Foi fundamental conhecer a relevância e a diversidade de práticas de lazer para a comunidade de Piedade. Ao analisar as diversas manifestações culturais presentes nesse bairro, observou-se a valorização e a preservação da cultura produzida localmente, bem como a forte interação social que ocorria no entorno dos marcos iconográficos (capela e mundéu). Nesse contexto, o fortalecimento dos vínculos comunitários bem como a força cultural afrodescendente que se perpetuavam em um movimento negro, autêntico e espontâneo, emanado no seio da própria comunidade, despontava como processo de aprendizagem continuada.

No intuito de compreender como a ancestralidade se mantinha viva nas ações e movimentos realizados na comunidade, aponta-se como chave de leitura os conceitos de epistemologia social e memória social. A epistemologia social refere-se ao conhecimento gerado pela própria comunidade, que é construído de acordo com suas experiências e vivências. A epistemologia social, portanto, estuda como uma pessoa adquire conhecimento de outra em contextos sociais, apresentando “forte componente interdisciplinar, com foco na produção, fluxo, integração e consumo de todas as formas de pensamento comunicadas através da estrutura social.” (MARTELETO, 2015, p.11). Marteleto (2015) ancora sua compreensão em Shera (1973, p.89) que afirma que “o objetivo último [da epistemologia social] seria [...] estudar quais são as práticas sociais que facilitam a aquisição do conhecimento”.

Já a memória social está intrinsecamente ligada à história do lugar e às lembranças coletivas, contribuindo para a manutenção da identidade e para a continuidade das práticas culturais (GOFF, 1990). Segundo o autor:

A memória é onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens. (GOFF, 1990, p.471)

Ambas vertentes influenciaram na construção da intervenção realizada no bairro. Antes de se concretizar uma proposta, inúmeras visitas ao bairro foram realizadas e diversas conversas com moradores ocorreram. A ideia era captar o que de importante já havia ocorrido no bairro, a partir da visão dos interlocutores, enquanto prática social que deixava saudades e lembranças nostálgicas para aqueles que lá viviam. Essa fase foi muito importante para a

realização do projeto, pois nela se conheceu atores sociais do bairro, referências nas organizações festivas promovidas outrora, que rapidamente se encantaram com a proposta e assumiram junto com o grupo da universidade a realização de um dia de lazer para a comunidade no espaço entre a capela e o mundéu. Nesse movimento o nome para o evento foi criado, Mundéu Cultural: a Piedade em festa!

Como objeto e mecanismo de promoção do lazer e de intervenção no espaço urbano como reapropriação do espaço, essa festividade propôs um momento de celebração, de pertencimento e de reafirmação da identidade local. Pois, corroborando Lefebvre (2001) a ocupação do espaço público significa exercício de poder! Muitas das ações que aconteceram no projeto de intervenção foram protagonizadas por pessoas do próprio bairro, demarcando e valorizando a força da comunidade local.

Entre as atividades promovidas foram organizadas, a partir do resgate da memória coletiva e da disponibilidade das pessoas do bairro, as oficinas de: hip-hop, malabares, perna de pau e percussão. Também baseado nessa episteme social houve uma sessão de Batalha de *Breaking dance* com *B Boys* jovens e antigos da região, apresentação infantil do Boi de Minas, brinquedos construídos com sucata e brincadeiras realizadas por senhoras da comunidade. Os voluntários que participaram do projeto (28 estudantes da UFOP de educação física, pedagogia, letras e jornalismo) realizaram: oficina de *aerodance*, oficina de bolha de sabão gigante, oficina de carimbó, jogos e brincadeiras dentro do mundéu, jogos de tabuleiros/mesa (dama, futebol de prego, xadrez, dominó, tangran, jogo da memória etc.), *slakeline*, badminton, voleibol, futvôlei e toda sorte de brincadeiras que puderam ser criadas com a improvisação de uma “quadra com rede”. Havia também uma equipe responsável por registrar o evento e entrevistar pessoas no local com intuito de acessar sentidos e significados que aquele dia propiciava para os participantes. Para finalizar, realizou-se o cortejo do Bloco do Zé Pereira, que saiu desfilando pelo bairro adentro “arrastando” as pessoas que passaram o dia se divertindo e chamando aqueles que ainda não haviam aderido ao evento para se juntarem em um dos blocos mais típicos do carnaval da cidade de Ouro Preto. Na sequência do cortejo, que retornou ao adro da capela, houve a projeção do filme *Tarja Branca* na parede lateral da capela com direito a pipoca quentinha.

Figura 3 - Oficina de Breakdance

Fonte: acervo próprio

Figura 4 - Cortejo do Zé Pereira

Fonte: acervo próprio

Figura 5 - Boi de Minas

Fonte: acervo próprio

Figura 6 - jogos de mesa

Fonte: acervo próprio

O dia festivo cultural foi um sucesso. Pela estimativa da polícia militar que acompanhou o evento, mais de 450 pessoas passaram por ali desfrutando daquilo que é um direito social: o lazer. A participação da comunidade do bairro foi efetiva. Desde cedo quando ainda se preparava o espaço para a realização de todas as atividades propostas, diversos moradores se aproximaram e ajudaram na organização. Um trazia a boca de lobo⁶ para cavar os buracos enquanto o outro colocava os troncos de eucalipto para fazer de mastro para a rede e para o slakeline. Outro chegava com a vassoura e já deixava o adro da capela limpo para as oficinas. A escola municipal foi aberta para que o mobiliário emprestado (mesas e cadeiras) pudesse ser levado para o local do evento. A paróquia cedeu o espaço da antiga casa paroquial (ao lado do mundéu) para que lá fosse preparada toda a alimentação que foi distribuída (cachorro quente, algodão doce, pipoca, refrigerante e água). Também concedeu a utilização da energia elétrica para o som e para o filme. Os ingredientes para a alimentação foram doados pelos pequenos comerciantes do bairro e algumas senhoras ofereceram a mão de obra dedicada, carinhosa e

⁶ Ferramenta utilizada na jardinagem, agricultura e construção civil para cavar e retirar a terra em uma única operação.

deliciosa. O bloco do Zé Pereira aceitou participar do evento por acreditar na proposta e ter sua sede no bairro vizinho. A escola de educação física da UFOP emprestou vários materiais utilizados a partir do projeto de extensão. Uma rede solidária e participativa foi observada no próprio dia, muitas pessoas se envolveram na organização por pura adesão, não havia sido combinado! O que reforçou a compreensão de que o bairro guardava em suas memórias traços identitários de um tempo que a festa por ali era corriqueira e que essa alegria que circulava era “alimento para o corpo e alma” da comunidade.

Fazia mais de 10 anos que a última festa no adro da igreja aconteceu, revelou Luciene, uma das importantes colaboradoras para realização do Mundéu Cultural. Em sua entrevista (2022) ela fala sobre seu sentimento:

Eu estou super emocionada, estou amando, adorando, porque é tudo que eu gosto [...] preocupo muito com a parte da alimentação, gosto de dar as coisas para os meninos. Eu sei que a felicidade que está aqui comigo não é só minha, que é da comunidade aqui da Piedade [...]. Esse dia de hoje vai ficar inesquecível, a gente vai tentar vê se todo ano a gente faz esse evento de novo.

Todas as festas que por lá aconteciam eram organizadas pelos próprios moradores. Algumas iniciativas como a escola de samba, o grupo de *breakdance*, o grupo de Rap e as festas juninas poucas vezes conseguiram recursos pelas leis de incentivo ou mesmo por editais de fomento. Os organizadores das iniciativas que contatamos estavam bem desanimados pela forma que a cultura do bairro não era valorizada, pois percebiam, cada vez mais, que os recursos eram destinados para atividades que não os pertenciam e as práticas deles eram excluídas. Ao mesmo tempo sabiam da importância que suas ações tinham para a juventude do bairro.

Deivid 2º apitador da bateria da Escola de Samba Aliança da Piedade e mestre de bateria do bloco Mesclado, afirmou em sua entrevista que os B Boys mais antigos da cidade eram do bairro. Que ali o movimento do Hip-hop ajudou a ele e a alguns de seus amigos a se afastarem das “tentações que o mundo do crime e das drogas oferecem”⁷. Segundo Deivid (2022), eles se reuniam, ensaiavam, trocavam muitas ideias sobre as dificuldades que viviam, discutiam política, viajavam para disputar batalhas e queriam mostrar que a cultura da periferia, que a cultura negra, que o que eles faziam era importante. Um exemplo disso é o Conexão Hip-hop, um dos primeiros grupos de Rap da cidade (1998) nascido no bairro Piedade.

Outro movimento potente foi a criação do grupo A Rede Cultura de Rua evidenciado por DJ Teko na entrevista (2021). O coletivo surgiu da necessidade de unir e integrar os diversos

⁷ Piedade é bairro vizinho de um dos bairros mais violentos da cidade e também rota do tráfico de drogas.

grupos artísticos pertencentes às periferias de Ouro Preto e ao universo hip-hop da cidade, valorizando a cultura e a arte das comunidades. O grupo está envolvido com o Fórum da Igualdade Racial de Ouro Preto (FIROP) desde sua criação em 2005. Seus Raps retratavam em suas letras angústias dessa vida injusta e desigual que viviam, mas também continham sonhos de liberdade e transformação a partir do que faziam. O Fala Favela também fez parte do movimento com um programa semanal pela rádio comunitária Província (FM 98,7) e com aulas de *breakdance* que influenciaram a comunidade jovem conectada a essa cultura.

Reacender esse movimento no dia do Mundéu Cultural foi vivificar a memória do bairro! A ação desenvolvida pelo projeto provocou o avivamento de experiências de pertencimento e empoderamento, pelas vivências de lazer em um bairro periférico, negro e de baixa renda, em uma cidade turística. A partir da alegria restaurada no envolvimento da comunidade pelos sentidos e significados das práticas apresentados nesse tópico, aponta-se alguns arcabouços teóricos que ajudaram a compreender essas relações de poder e suas resistências.

Episteme das crenças sociais e o privilégio de classes

A partir dos estudos feitos nas obras de David Lynch (1960), Milton Santos (2002), Deleuze e Guattari (1995), entre outros sociólogos e filósofos, é possível refletir sobre as crenças sociais e sua relação com o espaço. O que possibilitou a reflexão sobre o bairro Piedade na cidade de Ouro Preto. Esses autores mostram que os espaços sociais e suas organizações também influenciam as crenças da sociedade, afetando suas escolhas e comportamentos. Além disso, eles nos fazem pensar que é impossível separar o homem do espaço, pois ambos se transformam mutuamente quando estão juntos. Essas ideias nos ajudam a entender que a forma como a cidade de Ouro Preto se organiza, com suas divisões de classes e funções dos bairros, é resultado de um projeto histórico e social, influenciado pelas escolhas feitas pelas instituições sociais.

É possível inferir que algumas escolhas relacionadas ao espaço urbano são influenciadas pelas instituições sociais responsáveis pela organização e fiscalização. Essas decisões determinam como um determinado grupo social pode viver em um bairro. No caso do bairro Piedade, em Ouro Preto, é plausível considerar que as principais decisões sobre a sua configuração não foram tomadas pelos moradores, mas sim pelas instituições sociais ou privadas responsáveis pela organização urbana, especialmente por se tratar de uma cidade tombada como patrimônio histórico (OLIVEIRA; SOBREIRA, 2015). O bairro possui dificuldade de acesso via ruas com asfalto ruim e que passa somente um carro de cada vez e apenas uma

linha de ônibus como transporte público.

A patrimonialização de Ouro Preto resultou em uma série de fatores, incluindo a segregação. Infelizmente, os critérios utilizados para estabelecer a proteção do patrimônio não consideraram certas consequências, como a gentrificação. Os moradores do bairro Piedade, predominantemente de classe baixa, em sua maioria negros e trabalhadores, foram negligenciados nesse processo, sem um planejamento adequado que os incluísse. Como afirma Figueiredo (2019, p.10):

O título de patrimônio cultural da humanidade traz várias consequências tanto positivas quanto negativas para a população ouro-pretana, como a oportunidade de exploração do turismo, uma maior preocupação e conservação dos bens tombados, mas gera também uma segregação sócio espacial, processo conhecido com gentrificação. A gentrificação constitui-se em processo de natureza dinâmica, seja em uma concepção conceitual ou em sua forma de expressão no espaço.

A determinação de Ouro Preto como patrimônio tombado pela humanidade foi feita por um grupo social com objetivos e perspectivas diferentes, que não necessariamente representam as classes sociais mais baixas que ainda hoje sofrem as consequências dessa determinação desde o início do século XX até os dias atuais⁸. Nesse sentido, podemos indagar, por que a capela mais antiga da cidade de Ouro Preto não configura entre os pontos turísticos da cidade? Por que o mundéu mais conservado da cidade não faz parte dos roteiros turísticos? Por que as políticas públicas de lazer são em sua grande maioria para projetos desenvolvidos no centro histórico da cidade?

Com isso, é importante destacar que os mecanismos de determinação do espaço urbano de Ouro Preto e as consequências vivenciadas pelo bairro Piedade são resultado de um comportamento social que promove e destina certos grupos da sociedade às condições injustas e, muitas vezes, cruéis.

As Relações entre Memória e Classe

Nos estudos sobre a memória e o patrimônio, inevitavelmente, depara-se com as intersecções de classe e de raça. Essa análise evidencia dois espaços que interagem sutilmente: o espaço físico e o espaço da memória (NASCIMENTO, 2009) . É importante ressaltar que esses espaços não estão dissociados, já que a construção do espaço físico está diretamente

⁸ A maneira como cidade foi escolhida como patrimônio não teve participação ampla da sociedade mas somente de alguns expoentes da cultura nacional. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/373/>
<https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2013/08/10/noticias-pensar,145141/livro-revela-correspondencia-de-rodrigo-melo-franco-e-manuel-de-paiva.shtml>

relacionada ao processo de formação da memória. Portanto, pensar nesse contexto é considerar a hipótese de que a compreensão da identidade e do espaço é reflexo do processo histórico narrativo que estabelece os marcos de referência por memórias históricas documentais e memórias públicas.

Pela designação de “memória histórica” busca-se explorar a complexa interface da memória com a história. A própria expressão memória histórica já foi objeto de um veto terminológico por parte de Halbwachs, que a considerava como uma contradição em termos, visto que a história começaria a ser escrita exatamente quando a memória estivesse se extinguindo. O campo da memória social, entretanto, se expandiu além dos limites autorizados por esse pioneiro e nada obsta a que, a par de uma “história da memória” (Le Goff, 1996), se possa falar hoje em dia de uma “memória da história”, em duas modalidades – documentais e orais.[...] Memórias públicas. A expressão “memória pública”, que tem comportado diversas acepções, recebe de Jedlowski (2005) um significado extremamente relevante para a sociedade contemporânea, que convém tomar como uma categoria especial da memória social. Memória pública é, para esse autor, a memória da esfera pública, entendida esta como “o campo da vida nas modernas sociedades democráticas onde as crenças dos cidadãos acerca dos assuntos políticos são discutidas (SÁ, 2007, p. 293/294).

Sendo assim, a classe determina o modo como os indivíduos se relacionam com os espaços e consigo mesmos, levando em conta sua condição material. Através dessa lente, podemos inferir a existência de classes de A a E, como forma de entendermos a expressão que se pretende apresentar aqui (RODRIGUES, 2020). No entanto, essas classes também se intercomunicam pelas condições de memória, ou seja, pela maneira como a história é contada e produzida por distintas classes sociais.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (GOFF, 1990).

Existe uma pergunta incômoda no ar: as classes são definidas apenas pela posse de bens e acessos aos meios? Ou elas também são definidas pelas condições de memória? Nesse aspecto, a memória social se apresenta como um bem material e imaterial, como o centro histórico de Ouro Preto, em que o valor e a posse desse patrimônio definem e dão sentido às relações com os espaços físicos, estabelecendo as relações entre os indivíduos e o seu corpo como forma de reflexo e alteridade (VILLASCHI, 2014).

É possível deduzir que a elite social que possui o poder de influenciar a vida e o uso do espaço público no centro histórico de Ouro Preto também é responsável por moldar a memória desse lugar. Isso significa que a classe social que atualmente ocupa essa região é a mesma que historicamente a dominou.

A preservação desse espaço cordial depende essencialmente do vínculo afetivo que as pessoas sentem em relação a ele. A manutenção tanto do aspecto físico quanto do aspecto social das antigas práticas e costumes está intrinsecamente ligada à memória coletiva, que tende a se afastar da história narrada e propagada pelos colonizadores (mesmo que atuais) de forma a naturalizar e homogeneizar o passado. Essa afetividade coletiva é apresentada como única e total, garantindo assim a permanência e o controle seletivo daquilo que não deve ser modificado. É o que foi possível perceber nas práticas de lazer do bairro Piedade. Suas práticas sociais não interessavam ser associadas à história de Ouro Preto e ficava relegada a subsistir sem holofotes ou investimentos governamentais nos bairros periféricos.

Essa estratégia de criar um discurso histórico harmonioso eleva certos "contos" da cidade, como a suposta glória da sociedade mineira do século XVIII, a um discurso socialmente dominante. No entanto, essa uniformidade discursiva acaba tornando os espaços inflexíveis, resistentes às mudanças que poderiam desafiar a suposta harmonia afetiva. Ao silenciar conflitos e tensões que alimentam a vida urbana, essa abordagem dificulta a transformação e renovação do espaço público como um espaço de todos.

Portanto, é imprescindível olharmos para o patrimônio histórico como uma construção social que deriva da interação entre memória, história e classe. Para uma compreensão mais ampla do patrimônio, precisamos considerar esses aspectos em conjunto, buscando compreender as distintas formas como a memória é gerada e propagada nas distintas classes sociais.

Memórias “Ativas” e Memórias “Inativas”

Ao descrever sobre memórias, é possível distinguir entre aquelas que estão ativas e aquelas inativas. O termo "memórias ativas" sugere uma interligação com a integridade do indivíduo, tornando-o capaz de estabelecer uma conexão coerente entre o passado, o presente e o futuro (SÁ, 2007). Dessa forma, ele se encontra em harmonia com suas lembranças. Essa integração da memória também estabelece uma relação com o espaço em que a pessoa vive. Por exemplo, pessoas da classe A tendem a se identificar com o ambiente em que estão inseridas, para isso é interessante ser considerado o seguinte: As cidades coloniais são verdadeiros ímãs para o turismo e também recebem grandes investimentos públicos. Com isso, muitas das celebrações e práticas culturais colocadas no calendário festivo da cidade apresentam uma roupagem preparada para os que vem de fora e afastam a comunidade de seus espaços de pertencimento, ou seja, há uma transposição da prática social para um espaço

físico que não os representa, forjando uma memória social baseada em uma pseudo tradição.

A ideia de memórias ativas e integradas está diretamente relacionada com a relação do indivíduo com seu ambiente e experiências (GOFF, 1990). É possível inferir que o espaço público do centro histórico de Ouro Preto é dominado por uma classe social que detém poder econômico, influência política e controle dos meios de produção naquela região. Isso implica que a classe responsável pela construção da memória desse espaço também é específica. Portanto, podemos identificar tanto a classe social que ocupa o espaço atualmente, quanto o próprio espaço, como uma representação material da classe que historicamente o dominou.

Considerando o significado da memória inativa, vislumbra-se conforme salienta Sá, (2007) que ela está associada à supressão da memória ativa e é diretamente responsável pela distorção das narrativas históricas, uma vez que desvaloriza a importância dos espaços que narram a origem de um povo. É por isso que muitas vezes a preservação do patrimônio além de seletivo para algumas classes sociais não é uma prioridade para os investimentos públicos. Pode-se evidenciar essa questão em exemplos aqui já expostos: a Capela Nossa Senhora da Piedade e o Mundéu são dois monumentos tombados, de alta relevância histórica, que infelizmente estão em estado de abandono, apesar de estarem localizados em uma região com grande circulação popular e rica em suas manifestações culturais.

O mecanismo utilizado para estabelecer memórias inativas é uma maneira de manter a população alienada de sua própria história. Aqueles que possuem memória ativa são considerados únicos e integrados à sua cultura (VALLE, 2021). Enquanto isso, aqueles com memórias inativas não compreendem seus passados, não possuem pertencimento de suas origens e buscam se assimilar aos marcos sociais de memórias alheias, desejando copiar os padrões de outro grupo, outra classe, pois não possuem uma memória original. Além disso, eles estão desintegrados e incompletos, sem o reconhecimento de sua origem definida no tempo e no espaço (PINTO, 2010). Infelizmente, muitas vezes a produção da história de uma sociedade é feita pela classe dominante, e, assim, aqueles que possuem memórias inativas não têm acesso ao seu próprio passado (CHALHOUB, 2010).

Nesse sentido, é possível afirmar que o Mundéu Cultural: a Piedade em festa foi capaz de provocar a memória social do povo negro constituída em um bairro periférico. Pois as manifestações culturais conectadas com suas ancestralidades africanas vieram à tona por um processo de reavivamento na expressão de seus lazeres, que resistem e lutam contra o silenciamento de suas histórias. Pois, a memória exerce um papel fundamental na relação de pertencimento em uma sociedade, concedendo ao povo negro a liberdade de escapar dos grilhões que os aprisionam à visão eurocêntrica do mundo (DANTAS, 2008).

As elites dominantes, por sua vez, almejam o poder absoluto e utilizam a memória como uma ferramenta essencial para alcançar esse objetivo. Embora seja a população negra quem construiu o Centro Histórico de Ouro Preto, essa parcela majoritária da população não se sente identificada com o local. Não frequenta os espaços públicos e turísticos para seus lazeres e nem se apropriam dele para suas práticas sociais. Esse espaço não os pertence para fruição, sua memória representa sofrimento e exclusão.

Ao longo da história, a elite social reprimiu muitas manifestações que remetem às classes C, D e E. Isso ocorre porque essas memórias podem se tornar poderosas e ativas. A capoeira, as religiões afrobrasileiras, as músicas populares e os movimentos juvenis são exemplos dessas manifestações que sempre foram discriminadas. E isso foi possível observar nas práticas culturais da comunidade do bairro Piedade que estão excluídas das festividades da cidade. É importante refletir sobre o modo como a sociedade traça divisões e impõe barreiras para a livre expressão cultural.

Considerações Finais

Por meio desses projetos de pesquisa e extensão da UFOP, investigou-se as fruições de lazer no bairro Piedade, uma comunidade situada em um bairro periférico com acervo arquitetônico de grande importância histórica, que não consegue incentivos financeiros através de políticas públicas para sua incorporação nas rotas turísticas e nem para a valorização de suas práticas sociais.

É factível afirmar que cidades turísticas, como Ouro Preto, apresentam de forma contundente uma disputa pela apropriação dos espaços públicos principalmente nos centros históricos. As políticas públicas de lazer implementadas, quase sempre valorizam práticas sociais com atratividades turísticas promovendo uma estetização da cidade como homogênea (sem conflitos ou diferenças), que escamoteiam os artifícios de segregação econômico-social propiciados no processo de “turistificação” e abandonam, à própria sorte, a população local e suas manifestações culturais em seus espaços de pertencimento.

Nesse sentido, em contraposição ao notável calendário festivo da cidade, que praticamente não possui nenhum fim de semana sem atividade no centro histórico, seja de cunho religioso, social ou cultural, promoveu-se um domingo festivo cultural na Piedade baseado nas manifestações culturais que sempre existiram no bairro.

Reavivar os vínculos comunitários e a força da cultura afrodescendente a partir das manifestações culturais como o Rap, o Hip Hop, o Boi da Manta, a intergeracionalidade na

batalha de B Boys, o circo em sua ludicidade, o cortejo do Zé Pereira e tantas outras atividades que ocuparam e reapropriaram o espaço de convívio do bairro, foi uma experiência marcante para os atores sociais daquela comunidade bem como para os alunos da UFOP que vivenciaram uma experiência de atuação junto à comunidade.

Perceber a partir das falas dos sujeitos entrevistados, no dia do evento, a alegria de voltar a ocupar aqueles espaços, reacende a memória social capaz de fortalecer identidades e pertencimentos a serviço da libertação e contra a servidão muitas vezes impostas às classes menos favorecidas economicamente.

Através da pesquisa-ação, avivou-se na comunidade as necessidades e os desejos em relação às práticas de lazer que valorizam as riquezas culturais e as pessoas já presentes nesse contexto. Ver a comunidade de Piedade voltando a pulsar a partir de um dia de lazer, a partir da alegria do brincar, a partir de suas memórias, foi um marco para o projeto. Era pai jogando com filho, avós chegando com seus netos, crianças correndo e experimentando diferentes propostas de atividades, juventude no *hip-hop*, na batalha de *breakdance*, adultos jogando e se divertindo em diferentes atividades, tudo misturado na reapropriação dos espaços entre o adro da capela e o mundéu.

O lazer, um direito social promulgado em nossa constituição, que muitas vezes é negligenciado principalmente para a camada da população menos favorecida economicamente foi capaz de mitigar as dificuldades do dia a dia estabelecendo conexões consigo mesmo e com suas ancestralidades nas práticas. Não se trata de alienar pelo lazer, mas pelo contrário, trata-se de trazer à consciência as desigualdades, as injustiças sociais em que os sujeitos se encontram e se conformam. Promover a partir de práticas emancipatórias, expressivas e de pertencimento a consciência da importância daquilo que se produz no seio da comunidade, valorizando as pessoas, as práticas e as histórias da própria comunidade é para além do direito ao lazer é o direito à própria vida digna.

A ação Mundéu Cultural: a Piedade em festa foi capaz de vivificar uma comunidade forte, atuante e participativa que estava cansada da luta contra o abandono governamental. Diferentes projetos que ali existiam finalizaram porque os financiamentos de projetos sociais sumiram das pautas políticas. Políticas públicas em Ouro Preto investem em seu potencial turístico e glamoroso de Patrimônio Mundial e abandonam as comunidades detentoras dos saberes tradicionais. Algumas comunidades escapam desse infortúnio quando são capturadas pela mercantilização das festas tradicionais, mas esse bairro aqui apresentado apesar de tantas potencialidades não caiu na graça do mercado. Para alguns um alívio, para outros um desalento.

Podemos concluir que foi possível vivenciar na festividade proposta um momento de

celebração, de pertencimento e de reafirmação da identidade do bairro Piedade. Esse movimento resgatou parte da memória coletiva que estava apagada, sendo capaz de contribuir para reacender a chama do processo de transformação pessoal e social da comunidade.

Como processo de pesquisa, foi desafiador lidar com todas essas tensões que emergem na hora que se adentra uma comunidade e toca no mais precioso bem que ali existe: as pessoas do lugar em suas singularidades, sonhos e frustrações.

Por fim, esse projeto continua em sua proposta de consolidar a compreensão do lazer como um direito social, promovendo a partir de suas pesquisas e ações o reconhecimento nas manifestações de lazer uma possibilidade de resistência e luta frente a exclusão social principalmente da população atravessada pelos marcadores sociais da diferença.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.; XAVIER, G.; MONTEIRO, L.; BRASIL, E. (Orgs.). **Cultura negra: novos desafios para os historiadores**. Niterói, RJ: EDUFF, 2017. (Série Pesquisas, volume 6a-b).

AIRTON, I. C. **Dossiê de conservação e restauro da Capela Nossa Senhora da Piedade**, v. 1, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Campus Ouro Preto, Tecnologia em Conservação e Restauro, 2014. p. 105.

CABANILLAS, N. Cidade e racismo: clivagens na cidade colonial do Cabo. **Paranoá: cadernos de arquitetura e urbanismo**, n. 18, 2017.

CHALHOUB, Sidney. O conhecimento da História, o direito à memória e os arquivos judiciais. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **Trabalho, Justiça e direitos no Brasil: pesquisa histórica e preservação das fontes**. São Leopoldo: Oikos, 2010.

DANTAS, F. S. **O direito fundamental à memória**. 2008.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.I. São Paulo: Ed.34, 1995.

DE MELO_DEFENSOR, A. R.; DA COSTA_DEFENSOR, D. B.; GUIMARÃES_DEFENSOR, A. P. O corpo negro nas veredas do controle social brasileiro: castigo, suspeição, democracia racial e urbanismo militar. **Racismo**, p. 17, [s. d.].

FALCÃO, D.; MARQUES, Y. O corpo brincante nas práticas sociais e de lazer dos jovens ouropretanos. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 232–247, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/37941>. Acesso em: 26 jul. 2023

FIGUEREDO, T. de P. **Reabilitação de espaços públicos no bairro Piedade, Ouro Preto, Minas Gerais**. 2019. Disponível em: <http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/1935>. Acesso em: 7 jul. 2023.

- GOFF, J. L. **História e memória**. 2. ed. Campinas-SP: Unicamp, v. II, 1990.
- GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, 2014.
- HALBWACHS, M. Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Albin Michel, 1994. (Original publicado em 1925).
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em: 10 jun. 2023.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama Censo 2022**, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html> Acesso em: 10 jun. 2023.
- JEDLOWSKI, P. Memória e mídia: uma perspectiva sociológica. In: SÁ, C. P. (Ed.). **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Editora do Museu da República, 2005. p. 87-98.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Lisboa/Portugal: Edições 70, v. I, 1960.
- MAGNANI, José Guilherme C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Editora Hucitec UNESP, 2003.
- MARTELETO, Regina Maria. Epistemologia social e cultura digital: reflexões em torno de escritas na web. **Em Questão**, Porto Alegre, v.21, p.9-25, 2015.
- MIRANDA, B. W. de. A pesquisa-ação como instrumento de transformação social. **Emancipação**, Ponta Grossa - PR, Brasil., v. 19, n. 2, p. 1–11, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/12427>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- NASCIMENTO, E. L. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. 1. ed. São Paulo: Selo Negro-Sancofa, v. 1, 2009.
- OLIVEIRA, L. D. de; SOBREIRA, F. G. Crescimento urbano de ouro preto-mg entre 1950 e 2004 e atuais tendências. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 67, n. 4, p. 867–876, 30 jul. 2015. DOI 10.14393/rbcv67n4-49114. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/49114>. Acesso em: 7 jul. 2023.
- PINTO, S. R. Direito à memória e à verdade: comissões de verdade na América Latina. **Revista Debates**, v. 4, n. 1, p. 128–128, 2010.
- RIBEIRO, C. R., **Ouro Preto, ou a produção do espaço cordial**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2009. 213 f. Tese (Doutorado) – UFRJ/PROURB/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2009.

RODRIGUES, D. A. A história da segregação racial construída, mantida e contada pela produção do espaço urbano no Brasil. 2020. VI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 6. **Anais...** 2020.

SÁ, C. P. de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, p. 290–295, 2007. DOI 10.1590/S0102-79722007000200015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/qZh3Nm9yR4s7TrFGXD3Rvrp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2023.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2002 (Coleção Milton Santos, 1).

SHERA, J. H. Toward a theory of Librarianship and Information Science. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 87-96, 1973.

SILVA, M. N. da; CARDOSO, A.; DENALDI, R. (Orgs.). **Urbanização favelas no Brasil: trajetórias de políticas municipais**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles, 2022.

SOBREIRA, F. G. *et al.* Divulgação do acervo arqueológico de mineração no período colonial em Ouro Preto e Mariana. **Rev. Ciênc. Ext.** v.10, n.1, p.17-36, 2014.

VALLE, Julia A. A seletividade do sistema penal e o racismo estrutural no Brasil: a importância da perspectiva da memória no combate ao genocídio racial. **Revista de Direito/UFV**, v.13, n.2, 2021.

VILLASCHI, J. N. S. **Hermenêutica do Patrimônio e Apropriação do Território em Ouro Preto - MG**. São Paulo, 2014, 303 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Área de Concentração: Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

NOTAS DOS AUTORES

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesses.

Agradecimentos

Os autores agradecem a PROEX (Pró-Reitoria de Extensão da UFOP) por acreditar no projeto e a FAPEMIG pelo apoio em forma de bolsa.

Contribuição dos autores

Os autores participaram ativamente na pesquisa-ação que propiciou a reflexão e produção deste artigo.

Endereço para correspondência

Escola de Educação Física - UFOP.

Rua 2, 110, Campus Morro do Cruzeiro - Ouro Preto, MG, CEP 35402-145

Submissão: 14/08/2023

Aceite: 23/10/2023